

# a espada dos reis

bernard cornwell

Tradução de Neuza Faustino



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*A Espada dos Reis*  
é dedicado a Suzanne Pollak



## TOPONÍMIA

A pronúncia dos nomes dos lugares da Inglaterra anglo-saxónica é incerta, não existindo consistência ou sequer um acordo acerca dos próprios nomes. Como tal, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwinc, Lundenceaster e Lundres. Certamente alguns leitores preferirão outras versões dos nomes listados abaixo, mas, por norma, recorro à grafia apresentada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo (871-899 d.C.), se bem que esta solução possa não ser ainda a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente denominada de Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente no uso de Inglaterra em vez de Englalund e preferi ainda a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbralund, de modo a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do condado atual. Assim sendo, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

Andefera	Andover, Wiltshire
Basengas	Basing, Hampshire
Bebbanburg	Bamburgh, Nortúmbria
Beamfleot	Benfleet, Essex
Caninga	ilha Canvey, Essex
Ceaster	Chester, Cheshire
Celmeresburh	Chelmsford, Essex
Cent	Kent
Cestrehunt	Cheshunt, Hertfordshire
Cippanhamm	Chippenham, Wiltshire
Colneceaster	Colchester, Essex
Contwaraburg	Canterbury, Kent
Cyningestun	Kingston upon Thames, Surrey
Crepelgate	Cripplegate, Londres
Dumnoc	Dunwich, Suffolk
East Seax	Essex
Elentone	Maidenhead, Berkshire
Eoferwic	Nome saxão para York, no Yorkshire

Fæfresham	Faversham, Kent
Farnea, ilhas	Ilhas Farne, Nortúmbria
Fearnhamme	Farnham, Surrey
Ferentone	Farndon, Cheshire
Fleot	Rio Fleet, Londres
Fughelness	Foulness, Essex
Gleawecestre	Gloucester, Gloucestershire
Grimesbi	Grimsby, Lincolnshire
Hamptonscir	Hampshire
Heahburh	Nome ficcional para Whitley Castle, Cúmbria
Heorotforda	Hertford, Hertfordshire
Humbre, rio	Rio Humber
Jorvik	Nome dinamarquês para York, no Yorkshire
Ligan, rio	Rio Lea
Lindcolne	Lincoln, Lincolnshire
Lindisfarena	Lindisfarne, Nortúmbria
Ludd's Gate	Ludgate, Londres
Lupiae	Lecce, Itália
Lundene	Londres
Mameceaster	Manchester
Ora	Oare, Kent
Sceapig	Ilha de Sheppey, Kent
St Cuthbert's Cave	Cuddy's Cave, Enseada de Cuddy, Holburn, Nortúmbria
Strath Clota	Reino no Sudoeste da Escócia
Sudgeweork	Southwark, Londres
Swalwan Creek	The Swale, canal no estuário do Tamisa
Temes, rio	Rio Tamisa
Totemham	Tottenham, Grande Londres
Tuede, rio	Rio Tweed
Weala, ribeiro	Rio Walbrook, Londres
Werlameceaster	St Albans, Hertfordshire
Westmynster	Westminster, Londres
Wicumun	High Wycombe, Buckinghamshire
Wilrunscir	Wiltshire
Wintanceaster	Winchester, Hampshire

*Mar do Norte*



**MÉRCIA**

**EAST ANGLIA**

*Rio Ligan*

Werlameceaster ◦

Celmeresburh ◦

Wicumun ◦

Hergas ◦

Fughelness

Lundene ◦

*Rio Temes*

Elentone ◦

Cingestun ◦

Sceapig

*Angra de Swalwan*

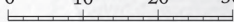
Fæfresham ◦

Contwaraburg ◦

**WESSEX**

◦ Wintanceaster

0 10 20 30 milhas





PRIMEIRA PARTE  
O TOLO ERRANTE







# 1

**O** *Gydene* estava desaparecido. Não era o primeiro dos meus barcos a desvanecer-se. O mar selvagem é vasto e pequenas as embarcações, mas o *Gydene*, que simplesmente significa «Deusa», era mais pequeno do que a maior parte dos outros barcos. Fora construído em Grimesbim, no rio Humbre, onde lhe haviam dado o nome de *Haligwæter*. Fora usado pelos pescadores durante um ano, antes de eu o comprar, e, como não queria ter um barco chamado *Água Benta* na minha frota, paguei a uma virgem um xelim para urinar no porão, mudei-lhe o nome para *Gydene* e ofereci-o aos homens do mar de Bebbanburg. Eles lançavam as redes longe da costa e um dia em que o vento estava agreste, o céu cinzento, as ondas batiam sobre as rochas das ilhas de Farne a espumejar de crista alta, a pequena embarcação não regressou e nós partimos do princípio de que fora abalroada e que à pequena vila cresciam seis viúvas e quase três vezes mais os filhos órfãos de pai. Talvez não lhe devesse ter mudado o nome, todos os marinheiros sabem que desafiamos o destino se alteramos a denominação de um barco, se bem que estivessem igualmente cientes de que a urina de uma virgem afasta a má sorte. Contudo, os deuses podem ser tão cruéis quanto o mar.

Então veio Egil Skallagrimmrson das terras que eu lhe tinha cedido e que formavam a fronteira com o reino de Constantino da Escócia, e Egil veio por mar como de costume e havia um corpo defunto a bordo do *Banamadr*, o seu barco-serpente.

— Este foi trazido pelas águas à costa do Tuede — disse-me. — É um dos vossos, não é?

— Do Tuede? — perguntei-lhe.

— Costa sul. Encontrei-o num banco de lama. Foram as gaivotas que o encontraram primeiro.

— Parece que sim.

— Era um dos vossos homens, não era?

— Era, sim — confirmei. O nome dele era Haggar Bentson, um

pescador, timoneiro do barco *Gydene*, um homem grande, apreciador de cerveja, repleto de cicatrizes das muitas escaramuças, um rufia que também batia na mulher, e um bom navegador.

— Não se afogou, pois não? — observou Egil.

— Não.

— Também não foram as gaivotas que o mataram — disse Egil em tom de divertimento.

— Não foram as gaivotas que o mataram — confirmei. Em vez disso, Haggar fora golpeado inúmeras vezes até morrer. O seu corpo nu estava da cor branca do peixe, excetuando a face, ou a parte dela ainda reconhecível, e as mãos. Feridas profundas marcavam-lhe a zona do ventre, das coxas e do peito, golpes selváticos que tinham sido lavados pela água do mar.

Com a ponta da bota, Egil tocou uma ferida que fora rasgada desde o ombro até ao esterno.

— Eu diria que foi este golpe de machado que o matou, — falou-me, — mas primeiro alguém lhe cortou os tomates.

— Já tinha notado.

Egil inclinou-se sobre o corpo e forçou a mandíbula inferior. Egil Skallagrimmrson era um homem potente e, contudo, teve de empenhar bastante esforço para conseguir abrir a boca do morto. O osso emitiu o som de rachar e então Egil tornou a endireitar-se.

— Também lhe levaram os dentes — disse.

— E os olhos.

— Isso podem ter sido as gaivotas. Agradam-lhes em especial os globos oculares.

— Mas deixaram-lhe a língua — observei. — Pobre miserável.

— Miserável forma de morrer — concordou Egil, depois voltou-se para olhar para a entrada do cais. — Só consigo pensar em duas razões para torturar um homem antes de matá-lo.

— Duas?

— Para se divertirem? Talvez os tenha insultado. — Encolheu os ombros. — Ou eles quiseram fazê-lo falar. Se não, porquê deixar-lhe a língua?

— Eles? — perguntei. — Os escoceses?

Egil virou-se para olhar de novo o corpo mutilado.

— Deve ter irritado alguém, mas os escoceses têm andado quietos, ultimamente. Não me parece que tenham sido eles. — Tornou a encolher os ombros. — Talvez fosse um assunto pessoal. Um outro pescador que ele tenha afrontado?

— Não há mais corpos? — indaguei. Eram seis homens e dois rapazes na tripulação do barco *Gydene*. — Nenhum barco encalhado?

— Para já, só este pobre miserável. Mas pode haver ainda outros corpos a flutuarem no mar.

Havia pouco mais para dizer ou fazer. Se os escoceses não tinham capturado o *Gydene*, então pressupunha que tivessem sido piratas do Norte ou uma embarcação da Frísia a aproveitar o primeiro bom tempo da chegada de verão para se enriquecer com a pescaria de arenque, bacalhau e eglefim do *Gydene*. O que quer que tivesse acontecido, o barco desaparecera e eu suspeitava que a restante tripulação se encontrava cativa a remar nos bancos da embarcação que os intercetara, e essa suspeição tornou-se quase certeza, quando vi os destroços do *Gydene* dar à costa a norte de Lindisfarena, um casco só, sem mastro, quase afundado por completo sob as ondas que acabaram por o içar para a praia. Não apareceram outros corpos, permaneceu apenas o destroço sobre a areia e aí o deixámos, seguros de que as tempestades de outono acabariam por levar consigo o sobranete.

Uma semana depois de o *Gydene* ter sido arrastado, desfeito, para a praia, um outro barco de pesca desapareceu, e desta vez num dia ameno, sem vento, o mar calmo como apenas os deuses o poderiam conceber. O barco perdido tinha o nome de *Swealwe*, e, tal como Haggar, o capitão gostava de lançar as redes no mar alto, e a primeira vez que eu soube do desaparecimento do *Swealwe* foi quando três viúvas se apresentaram em Bebbanburg, conduzidas pelo seu pároco da aldeia que mostrava falhas na dentição e que se chamava padre Gadd. Ele balanceava a cabeça.

— Houve... — começou por dizer.

— Houve o quê? — perguntei, resistindo à vontade de imitar o som sibilante que lhe provinha da falta de dentes dianteiros.

O padre Gadd estava nervoso, e não era de admirar. Eu ouvira dizer que nos seus sermões lamentava que o senhor dos seus aldeões fosse um pagão, porém a coragem dele abandonara-o agora que se via frente a frente com esse mesmo pagão.

— O Bolgar Haruldsen, senhor. Ele é o...

— Eu sei quem é o Bolgar — interrompi-o. Era um dos pescadores.

— Ele avistou duas embarcações no horizonte, senhor. No dia em que o *Swealwe* desapareceu.

— Existem muitos barcos — disse-lhe. — Barcos mercantis. Seria estranho se ele não os visse.

— O Bolgar diz que eles se dirigiram para o Norte, depois para o Sul.

As palavras daquele tolo nervoso não estavam a fazer muito sentido, porém, no fim, entendi o que tentava dizer-me. O *Swealwe* havia remado para o mar alto e Bolgar, um homem experiente, viu onde ele acabou por desaparecer no horizonte. Então, avistou os mastros de duas outras embarcações a aproximarem-se do *Swealwe*, pausarem por alguns momentos para de seguida regressarem à rota inicial. O *Swealwe* havia estado além do horizonte e o único sinal visível do seu encontro com as embarcações misteriosas fora o movimento dos seus mastros para norte e, depois de uma pausa, de novo para sul, o que não soava nada à movimentação de um barco mercantil.

— Devia ter trazido o Bolgar, para falar comigo — disse-lhe, e dei prata às três viúvas e ao sacerdote dois centavos por me ter trazido as novidades.

— Que novidades? — perguntou-me Finan naquele cair de tarde.

Estávamos sentados no banco do exterior do salão de Bebbanburg, a olhar além da parte leste da muralha o reflexo estriado da lua sobre o mar alto. Do interior do salão chegava-nos o som dos homens a cantarem, a rirem-se. Eram os meus guerreiros, todos juntos, tirando a vintena que vigiava do topo da muralha alta. Uma pequena brisa trazia-nos o aroma marinho. Estava uma noite calma e as terras de Bebbanburg haviam conhecido a paz desde que atravessáramos as colinas para vencer Sköll na sua fortaleza altaneira, fazia um ano. Após aquela batalha de traços macabros tínhamos julgado os homens do Norte definitivamente vencidos e que o lado ocidental da Nortúmbria ficara intimidada, porém os viajantes traziam novas através dos percursos elevados de que os guerreiros do Norte continuavam a chegar, os seus barcos com proas de dragões ainda atracavam na nossa costa ocidental, que os seus homens perseveravam em encontrar terras para si, contudo nenhum deles proclamava ser rei como Sköll o fizera e ninguém atravessava as colinas para perturbar as pastagens de Bebbanburg e, como tal, havia paz, de certa forma. O rei Constantino de Alba, que alguns chamam a Escócia, encontrava-se em guerra contra os nórdicos do reino de Strath Clota que era liderado por um rei de nome Oswain, e este deixava-nos em paz, a mesma que Constantino queria conosco até que conseguisse derrotar os guerreiros do Norte de Oswain. Vivíamos o que o meu pai chamava de «uma paz escocesa», o que significava assaltos constantes ao nosso gado e a nossa retaliação ao invadirmos os vales da Escócia para trazermos de volta os víveres que nos pertenciam e tantos quantos pudéssemos trazer conosco, por norma outro tanto daqueles que nos haviam roubado. Teria sido

tudo muito mais simples sem os assaltos, mas nos tempos pacíficos devemos ensinar aos homens jovens as artes da guerra.

— As novidades — respondi a Finan — é que existem assaltantes, ali, — aponte com a cabeça para o mar, — que depenaram dois dos nossos barcos.

— Há sempre assaltantes.

— Mas não gosto nada destes — disse-lhe.

Finan, o meu amigo mais próximo, um homem irlandês que tinha combatido ao meu lado com a paixão das suas origens e o talento dos deuses, riu-se.

— Cheira-lhe a algo de muito errado?

Acenei com a cabeça. Existem momentos em que o saber vem do nada, de um mero pressentimento, de um aroma que as narinas não alcançam, de um medo sem causa. Os deuses respeitam-nos e enviam-nos esta espécie de formigueiro dos nervos que nos dá a certeza de a paisagem inocente em nosso redor albergar assassinos.

— Por que razão torturaram o Haggar? — perguntei.

— Porque era um canalha pestilento, claro.

— Era mesmo, — anuí, — mas parece-me ser pior do que isso.

— Portanto, o que pensa fazer?

— Ir à caça, claro.

Finan riu-se.

— Tem estado aborrecido, sem nada que fazer? — perguntou-me, mas eu não respondi, o que o fez rir de novo. — Está aborrecido — acusou-me — e à procura de uma desculpa para brincar com o *Spearhafoc*.

O que era verdade. Eu queria levar o *Spearhafoc* ao mar e, assim sendo, tencionava ir à caça.

O *SPEARHAFOC* RECEBERA O NOME DEVIDO AOS GAVIÕES QUE FAZIAM NINHO nos bosques esparsos de Bebbanburg e, tal como essas aves, ele era um predador. Era longo, com borda livre baixa do convés até à linha de água e uma proa desafiante, esculpida em forma de cabeça de gavião. Os seus bancos de remar comportavam quarenta homens. Fora construído por dois irmãos frísios que tinham fugido da terra deles e se tinham dedicado à construção naval num estaleiro nas margens do rio Humbre, onde haviam concebido o *Spearhafoc* a partir de boa madeira merciana de carvalho e freixo. O casco dele

fora formado por onze pranchas longas, pregadas a cada lado dos flancos da sua moldura, e provido depois de um mastro de pinho nortumbriano, raiado por cordame e a suportar o braço de jarda, de onde pendia orgulhosamente a vela. Era uma vela orgulhosa porque exhibia o símbolo de Bebbanburg, a cabeça de lobo a rosnar. O lobo e o gavião, ambos predadores e selvagens. Mesmo Egil Skallagrimmrson que, como a maioria dos homens do Norte, desprezava as embarcações saxãs e respetivos marinheiros, admirava, se bem que contrariado, aquele barco, o *Spearhafoc*.

— Muito embora, — disse-me, — ele não seja saxão de verdade, pois não? É frísio.

Saxão ou de outras terras, o *Spearhafoc* deslizou para fora do canal estreito do cais da fortaleza de Bebbanburg numa manhã de verão enublada. Passara uma semana desde que tinha ouvido falar nas novidades acerca do *Swealwe*, uma semana em que os meus pescadores fizeram por não navegar para muito longe da nossa costa. Em todos os cais de Bebbanburg havia medo e, assim sendo, o *Spearhafoc* fez-se ao mar em busca de vingança. A maré estava a encher, o vento não soprava e os meus remadores puxavam os remos com força e eficácia, fazendo avançar o barco contra a corrente e deixando para trás um rasto amplo da nossa passagem. Àquela hora da manhã, o único ruído que se fazia ouvir era o raspar dos remos nos toletes, o marulhar da água contra o casco, o bater suave das ondas na praia e o grito melancólico das gaivotas sobre o grande forte de Bebbanburg.

Quarenta homens moviam os remos longos, outros vinte encontravam-se agachados entre os bancos ou na plataforma junto aos arcos da proa. Todos envergavam cotas de malha e estavam armados, embora as lanças, os machados e as espadas dos remadores se encontrassem empilhados com os escudos. Finan e eu estávamos sobre o convés circunscrito do leme condutor.

— O vento pode levantar mais tarde — sugeriu Finan.

— Ou não — grunhi.

Finan nunca se sentia à vontade no mar e jamais entendeu a minha paixão pelos barcos, e ele apenas me acompanhava naquele dia pela possibilidade de haver um combate.

— Embora quem quer que tenha matado o Haggar já deva ter fugido há muito tempo — resmungou entre dentes, justamente quando saíamos do canal estreito do cais.

— Provavelmente — concordei.

— Portanto, estamos a desperdiçar o nosso tempo.

— Muito provavelmente — disse-lhe. A proa do *Spearhafoc* elevava-se no ondular brando das águas que fazia Finan agarrar-se ao cadaste para manter o equilíbrio. — Senta-te — ordenei-lhe. — E bebe um pouco de cerveja.

Remávamos na direção do sol nascente e, enquanto o dia ia aquecendo, uma brisa começou a soprar de ocidente, forte o bastante para os meus homens fazerem subir a jarda até ao topo do mastro e dela fazerem descer a vela com a cabeça de lobo. Os remadores puderam descansar enquanto o *Spearhafoc* erguia a proa ao deslizar pela lenta ondulação. A terra perdia-se de vista na neblina atrás de nós. Avistáramos dois pequenos barcos pesqueiros junto às ilhas Farne, mas mais adiante não vimos quaisquer mastros ou cascos na distância e afigurava-se estarmos sozinhos no mundo. Na maior parte do tempo, eu podia deixar o remo condutor encontrar o trilho na água e lentamente o barco conduzia-nos na direção leste, a brisa mal suficiente para abaular a vela pesada. E enquanto o sol subia no céu, a maioria dos meus homens dormitava.

Tempo do sonho. Pensei que deveria ter sido assim Ginungagape, aquele vácuo entre a fornalha do céu e o gelo inferior, o vácuo em que fora feito o mundo. Navegávamos num vazio azul-acinzentado em que os meus pensamentos vagueavam tão lentamente quanto o barco. Finan estava a dormir. De vez em quando, a vela abatia para logo depois ser enchida de novo com um ruído surdo pelo vento leve. A única evidência de que realmente nos movíamos era o rasto suave que o *Spearhafoc* deixava atrás de si.

E, naquele vazio, pensei em reis e em mortes, porque Eduardo ainda estava vivo. Eduardo, que se autodenominava de Anglorum Saxonum Rex, Rei dos Anglos e dos Saxões. Ele reinava sobre o Wessex, a Mércia e a East Anglia, e ainda estava vivo. Estivera doente, recuperara depois, voltara à enfermidade e então começaram a circular boatos de que estaria a morrer, mas continuava vivo. E eu fizera o juramento de que mataria dois homens quando o Eduardo morresse e não tinha ideia de como iria cumprir a promessa.

Porque, para cumprir com o prometido, teria de abandonar a Nortúmbria e entrar no Wessex, onde eu era Uhtred, *o Pagão*, Uhtred, *o Sem-Deus*, Uhtred, *o Traidor*, Uhtred, *o Ealdordeofol*, o que significa o Chefe dos Demónios e, mais comumente, era chamado de Uhtredærwe, o que simplesmente quer dizer Uhtred, *o Mau*. No Wessex esperavam-me inimigos poderosos e poucos amigos. O que me deixava três escolhas perante o meu intento: podia invadir com um exército pequeno, o qual seria



inevitavelmente derrotado; podia levar comigo alguns homens apenas e arriscar ser descoberto; ou podia quebrar o juramento feito. As duas primeiras opções levar-me-iam à morte; a terceira levaria à vergonha de não ter mantido a promessa e de ser, portanto, um homem sem palavra.

Eadith, a minha esposa, não tinha dúvidas acerca do que devia ser feito.

— Quebra o juramento — falara-me, sem quaisquer rodeios. Estávamos então deitados nos nossos aposentos, que ficavam nos fundos do grande salão de Bebbanburg, e eu olhava as vigas nas sombras, enegrecidas pelo fumo da lareira e a noite, e permanecia em silêncio. — Deixa que se matem uns aos outros — apelou. — Essa briga pertence aos dos Sul, não é nossa. — E ela tinha razão. Nós estávamos seguros em Bebbanburg, mas ainda assim o apelo dela enfureceu-me. Os deuses selam as nossas promessas e quebrar uma jura significa arriscar a ira deles. — Queres morrer por um juramento estúpido? — Eadith também se mostrou zangada. — É isso que desejas? — Eu desejava viver sem a mancha da desonra que marcava todo aquele que quebrasse um juramento.

O *Spearhafoc* tirou-me dos meus pensamentos de indecisão e devolveu-me à realidade ao zarpar ao sopro de uma nova brisa e eu tornei a agarrar o remo condutor e senti o tremor provocado pela água a envolver o cabo longo em freixo. Pensei então que pelo menos aquela escolha era simples. Homens meus tinham sido chacinados por estranhos e nós navegávamos em busca de os vingar, sobre um mar enrugado pelo vento que refletia uma miríade dos raios solares.

— Já voltámos para casa? — perguntou Finan.

— Pensei que estivesses a dormir — disse-lhe.

— A passar pelas brasas — resmungou Finan, depois endireitou-se e olhou em redor. — Está ali um barco.

— Onde?

— Ali — apontou na direção norte. Finan tinha a visão mais aguçada que eu alguma vez conhecera em alguém. Podia até estar a ficar mais velho, tal como eu, porém os olhos dele viam melhor do que nunca. — Apenas um mastro, — informou-me, — sem vela.

Eu olhava fixamente a neblina e não via nada. Depois pareceu-me ver uma breve cintilação contra o céu pálido, uma linha trémula como esboçada a carvão. Um mastro? Depois perdi-o de vista, tornei a vê-lo a seguir e virei o barco para norte. A vela protestou, até que içámos o pano a bom-bordo e o *Spearhafoc* pôde deslizar de novo ao toque da brisa, enquanto a água marulhava com mais força contra os seus flancos. Os meus homens

mexeram-se no seu sono perturbado pela vivacidade repentina do barco, despertaram e olharam para a embarcação longínqua.

— Está a vir contra o vento — disse-lhes. — Portanto, os seus homens estão a remar. Deve ser um barco mercantil. — Ao acabar de dizer isto, a breve linha desenhada a carvão no horizonte desapareceu, sendo substituída por uma vela acabada de desfraldar. Observei-o, a mancha enevoadada da grande vela retangular mais visível do que o esboço do mastro. — Está a voltar-se na nossa direção! — exclamei.

— É o *Banamadr* — disse Finan.

Ri-me.

— Estás a brincar!

— Não estou, não — afirmou Finan. — Tem uma águia na vela, é o Egil.

— E consegues ver isso!

— O senhor não consegue?

Os nossos dois barcos navegavam na direção um do outro e, passados alguns momentos, pude distinguir o cintado superior lavado a cal que nitidamente se diferenciava das restantes pranchas inferiores mais escuras que compunham o casco. Conseguia avistar igualmente o rebordo negro da figura de uma águia de asas abertas sobre o centro da vela, assim como a cabeça de falcão esculpida na proa. Finan tinha razão: tratava-se do *Banamadr*, um nome que significava «matador», era o barco do Egil.

À medida que o *Banamadr* se aproximava, mandei fraldar a vela e deixei o *Spearhafoc* flutuar ao sabor da ondulação marinha. Tratava-se de um sinal para Egil de que podia avançar até ao flanco do barco e eu observei a embarcação dele a desviar-se a fim de se colocar lado a lado com a nossa. Era um barco mais pequeno do que o *Spearhafoc*, mas com a mesma elegância, um salteador frísio que fazia as alegrias de Egil, que, como a maioria dos homens do Norte, sentia-se mais feliz no mar. Observei a superfície da água a borbulhar, branca, do talha-mar do *Banamadr*, enquanto este ladeava o *Spearhafoc*. Mantinha a jarda descida, e os homens puxavam a vela para o interior do barco, depois viraram o braço de jarda para diante e de novo para trás com a vela novamente enrolada e, de seguida, como era desejável a qualquer marinheiro, aquietou-se o barco junto do flanco da nossa embarcação. Um homem ao pé dos arcos da proa lançou uma corda, uma segunda foi lançada na minha direção a partir da popa, e Egil gritava à tripulação do *Banamadr* para colocarem pano de vela ou capas sobre o cintado, para que as embarcações não

embatessem com as madeiras uma na outra e estilhaçassem as pranchas. Egil sorriu-me de orelha a orelha.

— Está a fazer aquilo que estou a pensar?

— A perder o meu tempo — gritei de volta.

— Talvez não.

— E você?

— Estou à procura do canalha que roubou o seu barco, o que mais podia ser? Posso subir a bordo?

— Venha!

Egil esperou, estimando a ondulação, depois saltou para o meu barco. Era um homem do Norte, pagão, poeta, marinheiro e guerreiro. Era alto, como eu, e usava o seu cabelo louro comprido e desregrado. Estava sempre zelosamente barbeado, o queixo era marcante, tanto quanto a proa de um barco dragão, e tinha um olhar profundo, o nariz fazia lembrar a agudeza da lâmina de um machado, enquanto a boca era com muita frequência sorridente. Os homens seguiam-no com entusiasmo, as mulheres mais entusiasmadas ainda. Apenas o conhecia há um ano, o suficiente para vir a gostar dele e a ter confiança nele. Era jovem o bastante para ser meu filho e trouxera com ele setenta homens do Norte que me prestaram o seu juramento em troca de terras ao longo da margem sul do Tuede.

— Devíamos tomar a rota sul — disse-me Egil bruscamente.

— A rota sul? — indaguei.

Egil fez um aceno de cabeça a Finan.

— Bom dia, senhor. — Ele chamava Finan sempre de «senhor», para o divertimento de ambos. Tornou a olhar para mim. — Não está a perder o seu tempo. Cruzámo-nos com um mercador escocês trilhando a rota norte e ele disse-nos haver quatro embarcações daquele lado — apontou com a cabeça na direção sul. — No mar alto, — acrescentou, — onde não podem ser vistos por quem está em terra. São quatro barcos saxões, simplesmente à espera. Um deles fez parar o mercador e pediu-lhe três xelins de taxas de passagem e, como ele não pudesse pagar, assaltaram-no e levaram-lhe toda a mercadoria.

— Exigiram-lhe taxas de passagem?

— Em seu nome, senhor.

— Em meu nome — proferi suavemente, irritado.

— Regressei justamente para lho dizer. — Egil olhou para dentro do *Banamadr*, onde aguardavam cerca de quarenta homens. — Não tenho

tripulação suficiente para me meter com quatro barcos, mas, se formos juntos, sempre podemos fazer-lhes alguns estragos.

— Quantos homens estão dentro dos quatro barcos? — Finan colocara-se novamente de pé, não sem algum esforço, e parecia entusiasmado.

— Aquele que parou o escocês tinha quarenta a bordo — informou. — Os outros dois eram mais ou menos do mesmo tamanho, o último, mais pequeno.

— Podemos fazer algum estrago — falei-lhes, a pensar na vingança.

Enquanto nos escutava, Finan havia estado a observar a tripulação do *Banamadr*. Três homens lutavam por despegar a cabeça em forma de águia da proa. Colocaram a peça pesada em madeira sobre o breve convés frontal, depois foram ajudar os outros que desatavam as cordas que prendiam a vela com o símbolo da águia.

— O que estão eles a fazer? — indagou Finan.

Egil voltou-se para o *Banamadr*.

— Se aqueles canalhas virem um barco com uma águia desenhada na vela, vão saber que se trata de um barco de guerra. Se virem o meu símbolo, sabem que sou eu. Por isso, estamos a virar a vela do avesso. — Sorriui de orelha a orelha. — A nossa embarcação é pequena, eles vão pensar que somos uma presa fácil.

Compreendi o que me sugeria.

— Portanto, devemos seguir-vos?

— A remar — sugeriui. — Se içarem as velas, saberão mais cedo da vossa presença. Nós vamos fazer de isco com o *Banamadr* e depois vocês vêm e ajudam-nos a dar cabo deles.

— Ajudamos? — escarneci, o que o fez rir.

— Mas quem são eles? — perguntou Finan.

Era essa a questão que me corroía, enquanto navegávamos para sul. Egil tinha regressado para o barco dele e, com a vela a exhibir nada mais do que o panejado, deslizava sobre as ondas à nossa frente. Apesar da sugestão que ele fizera, o *Spearhafoc* também avançava de vela içada, mas a pelo menos meia milha atrás do *Banamadr*. Não queria extenuar os meus homens com o esforço de remar, uma vez que era suposto lutarem mais adiante e, assim sendo, combináramos que Egil voltaria o seu barco, assim que avistasse as ditas embarcações, e faria de conta que fugia na direção da costa, conduzindo o inimigo para a nossa cilada, ou assim esperávamos que acontecesse. Quando ele se voltasse, desceríamos a vela para que o inimigo não avistasse o símbolo da cabeça de lobo a rosnar, tomando-nos por mais um barco mercantil,

ou seja, uma presa fácil. Retiráramos a cabeça esculpida de gavião da proa, o símbolo que, como outros, ali se encontrava para aplacar os deuses, assustar os inimigos e afugentar os espíritos maus, porém ditavam os costumes que poderiam ser removidos em águas seguras, pelo que não eram pregados ou esculpidos na própria proa, mas encaixados de maneira amovível.

— Quatro barcos — constatou Finan. — São saxões.

— E estão a ser espertos — acrescentei.

— Espertos? Chama ser esperto picarem-no com um pau afiado?

— Eles estão a atacar os barcos de Bebbanburg, os outros apenas perseguem e assaltam. Quanto tempo demorará o rei Constantino saber que o Uhtred de Bebbanburg está a confiscar a mercadoria das embarcações escocesas?

— Ele provavelmente já sabe.

— Assim sendo, quanto tempo demorará ele até nos vir castigar por isso? — perguntei. — O Constantino pode até estar a combater o Owain de Strath Clota, mas ainda dispõe de barcos que pode enviar para a nossa costa. — Concentrei-me no *Banamaðr* a avançar gentilmente ao toque do vento ocidental, deixando atrás de si um rastro branco. Era bastante veloz e capaz para uma embarcação pequena. — Alguém — continuei — quer emaranhar-nos numa querela com os escoceses.

— E não apenas com os escoceses — disse Finan.

— Não apenas com esses — concordei. Na nossa costa passavam barcos não só da Escócia, como também da Frísia, de East Anglia, de todas as terras vikings. Até do Wessex. E eu jamais pedira contribuições pela carga que traziam. Achava que não me dizia respeito o que transportavam, se uma embarcação da Escócia, por exemplo, passava ali repleta de peles ou de olaria. Se um barco atracasse a um dos meus cais, eu exigia-lhes o pagamento de uma taxa, era verdade. Porém toda a gente fazia isso. Mas agora entrara uma pequena frota no meu domínio e estava a receber dos demais barcos uma taxa de passagem em meu nome. E, se não estava enganado, as quatro embarcações em causa tinham vindo do Sul, das terras de Eduardo, Anglorum Saxonum Rex.

O *Spearhafoc* mergulhava a proa num mar verde, fazendo saltar uma espuma branca ao longo de cada convés. O *Banamaðr* também mergulhava e esguichava espuma, impelido pelo vento ocidental que se levantava, ambos os barcos a avançarem na direção sul para perseguir e deter as embarcações que haviam matado os meus rendeiros, e, caso eu estivesse certo acerca delas, então iríamos travar uma contenda sangrenta.

Isto significava uma batalha entre duas famílias que tinham jurado destruir-se uma à outra. A minha primeira luta entre feudos fora contra Kjartan, *o Cruel*, que chacinara a casa completa de Ragnar, o dinamarquês que me havia adotado. Na altura, eu acolhido essa luta e fora também eu a terminá-la ao matar tanto Kjartan como o filho deste; mas esta nova batalha entre feudos iria ser contra um inimigo bem mais poderoso, um que vivia no Sul, no Wessex de Eduardo, e que podia convocar um exército de guerreiros da sua casa. E, para os aniquilar, teria de ir até eles, até onde me esperavam também para me matarem.

— O *Banamadr* está a voltar — interrompeu Finan o fluxo dos meus pensamentos.

E, na verdade, o barco de Egil voltava. Vi a vela chegar na nossa direção, vi a luz matinal a refletir do cabo luzidio dos remos, quando estes foram empurrados para o exterior; vi-os mergulhar nas ondas e a emergirem delas de novo e vi o *Banamadr* a avançar, esforçado, para ocidente, como se em busca da segurança de um cais nortumbriano.

Pelos vistos, a luta de sangue viera até mim.

EU GOSTARA DE ÆTHELHELM, O VELHO. FORA O CONSELHEIRO NOBRE MAIS rico do Wessex, um senhor de muitas propriedades, um homem genial e até mesmo generoso, contudo morrera como meu inimigo e prisioneiro.

Não o matei. Fizera-o prisioneiro quando ele lutara contra mim, depois tratei-o com a honra que assistia ao seu estatuto nobre. Contudo, ele apanhou a doença dos suores e, embora o tivéssemos sangrado e pago ao nosso sacerdote cristão para rezar por ele, e apesar de o envolvermos em peles e de lhe administrarmos as ervas que as mulheres nos haviam indicado para a sua cura, ele morreu. O filho, Æthelhelm, *o Jovem*, fez depois circular o boato de que eu tinha matado o pai dele e jurou matar-me. Jurou um feudo sangrento contra mim.

Contudo, eu havia visto Æthelhelm, *o Velho*, como um amigo, antes de a filha ter casado com o rei Eduardo e lhe ter dado um filho. Este filho, Ælfweard, neto de Æthelhelm, tornou-se o herdeiro do trono. O príncipe herdeiro Ælfweard! Era um menino petulante e mimado que veio a ser um rapaz amargo, entediado e egoísta, um jovem cruel e vaidoso. Contudo, Ælfweard não era o filho mais velho do Eduardo, mas sim Æthelstan, que também era meu amigo.

Portanto, por que motivo não era Æthelstan o príncipe herdeiro? Porque Æthelhelm fez correr o boato de que Æthelstan era filho ilegítimo, de que Eduardo jamais tinha desposado a mãe dele. Por isso, o menino foi exilado na Mércia, onde o conheci e onde viria a admirar o rapaz. Fez-se guerreiro, um homem justo, e o único defeito que eu conseguia encontrar nele era a sua paixão enorme pelo deus cristão.

E agora Eduardo estava doente. Os homens sabiam que ele iria morrer em breve. E, quando falecesse, haveria guerra entre os apoiantes principais de Æthelhelm, o *Jovem*, que queria ver Ælfweard no trono, e aqueles que estavam cientes de que Æthelstan seria um rei muito melhor. A Mércia e o Wessex, unidos de forma incerta, seriam rasgados e separados pela batalha. E, como tal, Æthelstan pedira-me um juramento: que após a morte do rei Eduardo eu mataria Æthelhelm e, dessa feita, destruiria o poderio dele sobre os nobres, os quais se reuniam em conselho, o Witan, para decidirem e confirmarem o novo rei.

E era por essa razão que eu teria de ir ao Wessex, onde me esperavam inúmeros inimigos.

Porque fizera um juramento.

E não duvidava de que Æthelhelm enviara barcos para o Norte a fim de me enfraquecer, para me distrair e, com alguma sorte, matar-me.

AS QUATRO EMBARCAÇÕES SURGIRAM NA NEBLINA VERANIL. RASGAVAM O mar de verão e, quando aparecemos, içaram as velas e vieram em nossa perseguição.

O *Banamadr* descera a sua vela, para fazer parecer que fugia para ocidente, e as quatro embarcações continuariam a não ver o símbolo da águia que agora estava voltada para a ré. E nós, no momento em que vimos o *Banamadr* voltar, também descemos a nossa vela, de forma a não permitir que o inimigo visse o símbolo da cabeça do lobo de Bebbanburg.

— Agora remem! — ordenou Finan aos homens nos bancos. — Remem!

A névoa de verão dissipava-se. Eu conseguia distinguir as velas distantes, inchadas ao sopro do vento, conseguia vê-los encurtarem distância em relação a Egil, que apenas colocara três remadores de cada lado. Mostrar mais remos trairia a intenção de fingirem tratar-se de um barco mercantil, mas ao invés uma armadilha a abarrotar de guerreiros. Por instantes pensei se não deveria seguir-lhe o exemplo, depois decidi que aquelas quatro

embarcações não temeriam um barco de guerra. Encontravam-se em superioridade numérica e eu não duvidava de que tinham sido enviados para matar-me, se lhes surgisse a oportunidade.

Portanto, estava disposto a dar-lhes a oportunidade.

Porém, tomá-la-iam? Com uma urgência cada vez maior aproximavam-se do *Banamaðr*, que deslizava célere tocado a vento, pelo que decidi revelar a minha presença, gritando à minha tripulação que tornasse a içar a vela. A visão da cabeça de lobo talvez fizesse o inimigo abrandar, se bem que pretendessem ganhar a luta, mesmo contra Uhtred, o *Mau*.

A vela adejou ao ser içada, abaulou ao vento, depois panejou ao puxarem e amarraram as cordas. O *Spearhafoc* deslizou mar adentro a uma velocidade cada vez maior. Os remos foram recolhidos e os remadores puseram as suas cotas de malha e pegaram nos escudos e armas.

— Descansem ainda, enquanto puderem — gritei-lhes.

O mar apresentava agora fragmentos brancos, as cristas das ondas a rebentarem em espuma. O *Spearhafoc* mergulhava a proa, fazendo inundar o convés, depois erguia-se de novo com a próxima vaga. O remo de condução pesava agora nas minhas mãos e era preciso toda a minha força para conseguir puxar ou empurrá-lo na direção pretendida, uma vez que oscilava sob a velocidade que tomara. Continuávamos a navegar para sul para enfrentarmos as quatro embarcações, desafiarmo-las, o mesmo que Egil passara a fazer. Éramos dois barcos contra quatro.

— Acha que aquelas embarcações são do Æthelhelm? — perguntou-me Finan.

— De quem mais haveriam de ser?

— Ele não estará em nenhuma delas — resmungou Finan entre dentes.

Tive de rir.

— Ele está seguro em casa, em Wiltunscir. Ele contratou aqueles canalhas.

Aqueles canalhas formavam agora uma fileira a atravessar a nossa rota. Três das embarcações pareciam ser do tamanho do *Spearhafoc*, enquanto o quarto, o que se encontrava mais a leste, era menor, mais ou menos como o *Banamaðr*. Tal barco, ao ver-nos zarpar na direção sul, abrandava, como que relutante em entrar numa rixa. Nós continuávamos a uma distância considerável, porém parecia-me que a embarcação mais pequena tinha poucos homens a bordo.

As três outras embarcações, contudo, continuavam a avançar na nossa direção.



— A tripulação deles é farta — constatou Finan, calmamente.

— Os escoceses de que o Egil falou disseram-lhe haver quarenta homens no barco que os fez parar.

— Eu diria que são mais.

— Iremos descobrir.

— E têm arqueiros.

— Têm?

— Consigo vê-los.

— Nós temos escudos — falei-lhe. — E os arqueiros gostam de barcos estáveis, e a ondulação está forte, o que faz o nosso saltar como um potro.

Roric, o meu criado, trouxe-me o elmo. Não o orgulhoso, com a crista em prata a exhibir a figura de um lobo à espreita, mas um de serviço, que já fora do meu pai e que ficava sempre a bordo do *Spearhafoc*. As placas faciais em metal haviam enferrujado e tinham sido substituídas por faixas em couro cozido. Ajeitei o elmo na cabeça e Roric atou as faixas junto ao queixo, pelo que o inimigo nada mais veria do que os meus olhos.

Três das embarcações não exibiam símbolos nas suas velas, embora o barco mais a ocidente, o que ficava mais próximo da costa nortumbriana, que não se via, mostrasse uma serpente enrolada que, como o nosso lobo, devia ter sido bordada a lã. O enorme pano de vela era reforçado por uma corda que formava o padrão de um diamante, através do qual espreitava a cobra negra. Conseguia distinguir as ondas a espumejarem brancas ao baterem na proa.

Egil voltara de novo o *Banamadr* e, em vez de continuar a improvisar uma fuga desajeitada para ocidente, na direção dos cais da costa da Nortúmbria, navegava agora para sul, ao lado do *Spearhafoc*. Tal como nós, havia içado de novo a vela, encontrando-se a sua tripulação a atar as cordas que a mantivessem segura e, nessa altura, chegámo-nos lado a lado. Pus as mãos em concha e gritei-lhe acima da água borbulhante:

— Tenho o segundo barco na mira! — Apontei para a embarcação mais próxima da do símbolo da serpente. Egil acenou com a cabeça sinalizar que me tinha ouvido. — Mas nós vamos atacar o da cobra negra! — Tornei a apontar. — E vocês também!

— Nós também! — gritou de volta. Sorria de orelha a orelha, o cabelo louro a adejar ao vento sob o rebordo do elmo.

O inimigo alargara a fileira por forma a quaisquer dois deles poderem emboscar um dos nossos barcos. Se era essa a intenção, na prática poderiam entalar-nos de ambos os lados ao mesmo tempo, e a troca de golpes de

espada seria breve, amarga e sangrenta. Deixei-os pensar que o plano deles poderia dar certo, direcionando-me ligeiramente para a segunda embarcação a contar do ocidente, enquanto dei pelos outros dois barcos maiores a mudarem um pouco só de direção, para o ponto que supunham que chegaríamos à linha que formavam. Continuavam em fila alargada, havendo uma distância de pelo menos quatro ou cinco barcos entre eles, contudo a linha começava a apertar-se. A embarcação menor, mais lenta do que as outras, vinha ainda mais distante.

O barco do Egil, menos veloz do que o meu por ser mais curto, ficara um pouco para trás, e eu ordenei que soltassem o panejado a bombordo para afrouxar também a velocidade do meu, depois virei-me e acenei a Egil, apontando justamente para bombordo, indicando assim que se aproximasse por esse flanco. Ele compreendeu-me e, vagarosamente, o *Banamadr* aproximou-se do lado direito do *Spearhafoc*. Entraríamos juntos na batalha, mas não no sítio esperado pelo inimigo.

— Santo Deus! — exclamou Finan. — Aquele canalha grande tem imensos homens a bordo!

— Qual canalha grande?

— Aquele ao centro. Serão setenta homens? Talvez oitenta?

— E quantos tem o canalha da serpente?

— Uns quarenta ou cinquenta?

— O suficiente para assustar um barco mercantil — disse-lhe.

— Estes não parecem assustados connosco — constatou, secamente.

As três embarcações maiores continuavam a avançar na nossa direção, confiantes na sua superioridade numérica. — Tenha cuidado com aquele canalha grande — avisou Finan, apontando para o barco do meio, aquele com a tripulação mais avantajada.

Olhei fixamente o barco com uma cruz lavada a cal no alto da proa.

— Não importa quantos são — falei a Finan. — Eles sabem que somos apenas quarenta.

— Sabem? — parecia divertido com a minha certeza.

— Eles torturaram o Hagar. O que poderia contar-lhes ele? Perguntaram-lhe quantas vezes os nossos barcos se faziam ao mar e quantos homens compunham a sua tripulação. O que teríamos dito, no lugar dele?

— Que tem dois barcos de guerra no seu cais, que o *Spearhafoc* é o maior deles e que a tripulação é habitualmente de quarenta homens, por vezes menos.

— Exatamente.

— E que é normalmente o Berg que leva o *Spearhafoc* para o mar.

Berg era o irmão mais novo do Egil e eu havia-lhe salvo a vida numa praia galesa há alguns anos atrás e, desde então, passara a servir-me bem e com lealdade. Berg ficara desapontado por não poder participar naquela viagem, contudo, comigo e com Finan em alto mar, ele afigurava-se a melhor opção para comandar a guarda da casa remanescente em Bebbanburg. Por norma deixava o meu filho no comando, porém ele encontrava-se nas colinas centrais da Nortúmbria e tentava resolver uma disputa entre dois dos meus rendeiros.

— Eles pensam que somos cerca de quarenta homens — disse-lhe — e estimam que o *Banamaðr* terá à volta de trinta. — Ri-me, depois levei a mão ao punho da Bafo de Serpente, a minha espada, antes de gritar por sobre as ondas para Egil. — Volte-se agora! — Puxei o remo condutor na direção do vento e o *Spearhafoc* mergulhou a proa ao ser voltado de forma tão brusca. — Recolham a vela! — berrei. A armadilha revelava-se e agora a cobra negra iria aprender como lutam a águia e o lobo.

Mandara voltar a recolher o panejado acrescido, para tornar o *Spearhafoc* de novo mais célere. Era mais veloz do que as embarcações do inimigo. Conseguia ver a camada do verdete do barco do símbolo da serpente de cada vez que a ondulação o levantava na frente. Era lento. Nós costumávamos deixar secar os nossos barcos em tempo de maré vaza e raspar com cal as pranchas inferiores dos cascos, a fim de os mantermos velozes. Voltei-me de novo para o *Banamaðr*. — Planeio afundar aquele canalha, — gritei, — depois virar mais a leste para dar cabo do segundo!

Egil acenou e eu parti do princípio de que me ouvira. Não é que importasse muito, pois o *Spearhafoc* era impelido para a frente dele, tão a favor do vento que eu mantinha o barco, quanto o ousava fazer, e lavrávamos a rota rapidamente, o seu talha-mar a fazer espumear, brancas, as ondas à sua passagem. Agora estava tão mortal quanto o nome que lhe fora dado, qual ave de rapina, e Egil dar-se-ia conta do meu plano na hora apropriada.

— Tenciono abalroar a embarcação grande? — perguntou-me Finan.

— Se conseguir fazê-lo, sim. E eu quero-o junto da proa, Finan. Se não embater nela da forma certa, terei de saltar a bordo e matar o homem que a conduz. E depois afundar o remo condutor.

Finan dirigiu-se para a proa, gritando a alguns homens que o seguissem. Estávamos agora muito próximos do barco do símbolo da cobra negra, estávamos perto o suficiente para podermos ver um grupo de guerreiros

junto da proa e as lanças que empunhavam. Os elmos deles refletiam a luz da manhã. Um deles agarrava-se ao estai da proa, um outro preparava a lança para o arremesso. Havia um grupo de arqueiros no interior da embarcação, as setas já colocadas nas cordas dos arcos.

— Beornoth! — chamei. — Folcbald! Venham cá! Tragam os vossos escudos! — Beornoth era um homem impassível e de confiança, um saxão, enquanto Folcbald era um frísio de estatura enorme, um dos meus guerreiros mais fortes. — Vocês devem proteger-me — disse-lhes. — Estão a ver aqueles arqueiros? Eu sou o alvo deles.

O condutor de um barco era o homem de posição mais vulnerável numa embarcação. A maioria dos meus homens encontrava-se no interior do *Spearhafoc*, acorados, atrás dos seus escudos, Finan fora até à proa onde, com mais seis guerreiros, formava uma barreira de escudos, mas eu tinha de permanecer junto do remo condutor. Em breve, as setas seriam disparadas na nossa direção, deslizávamos através das águas verdes e encontrávamo-nos perto o bastante para se distinguir as argolas minúsculas que formavam as cotas de malha dos guerreiros que estavam no interior da embarcação da serpente. Olhei de relance para a minha esquerda. As outras três embarcações tinham-se apercebido onde tencionávamos chegar e haviam-se voltado para virem ajudar. Isso, porém, significava que navegavam diretamente contra o vento e as velas enrolavam-se no mastro. Os homens lutavam por endireitar o panejado enquanto empurravam os remos pelas respetivas aberturas, a fim de poderem remar, mas estavam a demorar e os barcos estavam a ser impelidos para trás e oscilavam muito sobre a ondulação do mar.

— Agora! — rugiu Beornoth, e levantou o escudo. Ele vira os arqueiros a soltarem as setas.

Meia dúzia de flechas espetaram-se nos panos da vela. Eu ouvia o ruído marulhar das ondas, o soprar do vento por entre os cordames e, então, empurrei com força o remo condutor, colocando todo o meu peso sobre o grande cabo, e vi a embarcação da serpente a vir na nossa direção, que era o que o seu timoneiro já devia ter feito momentos antes, mas fazia-o agora, demasiado tarde.

— Lanças! — gritou Finan o aviso, a partir da proa.

— Juntar! — gritei. Uma flecha embateu no rebordo em aço do escudo de Folcbald, a lâmina de uma lança raspou a madeira do convés, diante de mim, e foi então que o *Spearhafoc* avançou e fez de rompão a viragem, e foi quando uma rajada de vento provocou que mergulhasse a

balaustrada. Cambaleei, uma seta embateu com força no corpo da popa, depois o *Spearhafoc* recuperou o equilíbrio, a vela a adejar em protesto ao voltarmos-nos contra o vento, a água a escorrer dos embornais e, acima do ruído do mar e do vento que uivava, ouvi os gritos de alerta do inimigo.

— Segurem-se com força! — berrei à minha tripulação.

E embatemos.

Vimo-nos atirados para a frente com violência ao pararmos abruptamente. Fez-se ouvir o estilhaçar da madeira, soaram gritos de medo, foi grande o ruído da água revolteada e ouviu-se praguejar. O brandal rete-sou-se assustadoramente e por instantes pensei que o nosso mastro fosse colapsar sobre os arcos da proa, porém o couro de foca retorcido aguentou-se e vibrava agora como uma corda de harpa dedilhada. Beornoth e Folcbald caíram. O *Spearhafoc* havia galgado o casco do barco da serpente, recuando agora de novo com um ruído dilacerante. Tínhamo-nos voltado contra o vento para abalroarmos o inimigo e eu havia-me preocupado com a possibilidade de derraparmos e, como tal, embatemos com menos força em oposição ao vento, contudo o peso e a celeridade do *Spearhafoc* haviam sido o suficiente para estilhaçar o casco do barco com o símbolo da cobra negra. A nossa vela encontrava-se agora colada ao mastro e puxava-nos para trás, se bem que parecesse que a nossa proa tivesse ficado presa no barco inimigo, pois permaneciam juntos, e o *Spearhafoc* virava-se lentamente a bombordo e, para meu alarme, começava a afundar-se na dianteira. Então ouvi um estalido agudo e o *Spearhafoc* estremeceu, fez-se ouvir o som de um rasgo e, de repente, o barco tornou a endireitar-se. A proa dele havia ficado presa às pranchas do casco da embarcação inimiga, mas libertara-se por fim.

A embarcação da serpente ia ao fundo. Tínhamos embatido nela com a nossa proa, a parte mais forte do *Spearhafoc*, e tínhamos estilhaçado as pranchas inferiores do seu casco com a facilidade de quem quebra um ovo. A água entrava no barco inimigo que se inclinava e as muitas pedras de equilíbrio no porão faziam-no agora afundar rapidamente. A sua tripulação, envergando cota de malha, estava condenada, excetuando aqueles poucos homens que tinham conseguido agarrar-se ao nosso barco e, entretanto, o vento empurrava-nos para trás, na direção das demais embarcações inimigas que, com os remos a mergulharem finalmente nas águas, esforçavam-se por nos alcançar. Eu berrava aos meus homens para recolherem de novo a vela a bombordo e descerem o panejado a estibordo. Ao nosso lado direito, a embarcação da serpente afundava-se numa torrente de espuma branca

a borbulhar, rodeada dos restos do naufrágio, e então desapareceu de vez, deixando a última visão de um triângulo de pano da sua bandeira na ponta do seu mastro inclinado.

Empurrei o remo condutor, rezando para que o *Spearhafoc* encontrasse via para que a pá grande tivesse de novo firmeza, mas o barco continuava vagaroso. Os nossos prisioneiros, que eram cinco no total, tinham sido içados para bordo e Finan colocara homens a vigiá-los enquanto eram despojados de suas cotas de malha, dos elmos, dos cinturões e das armas que traziam com eles.

— Cuidado, atrás de vós! — exclamou Folcbald em tom de alarme.

A embarcação inimiga mais próxima de nós, aquela com a cruz lavada com cal na proa alta, chegava-se ao *Spearhafoc*. Era maior e bem mais pesada. A tripulação era mais numerosa do que a da embarcação do símbolo da cobra negra, mas o capitão apenas tinha mandado vinte e quatro homens para os remos, uma dúzia de cada lado, porque queria certamente que os restantes estivessem preparados para saltarem a bordo do nosso barco. Havia guerreiros providos de elmos junto à proa deles e mais ainda se avultavam ao pé das balaustradas. Seriam no mínimo setenta guerreiros, pensei, talvez mesmo mais. Voaram as primeiras flechas, a maioria foi espetar-se no alto do panejado da vela, mas uma assobiou a passar-me de rente. Instintivamente levei a mão ao punho da Bafo de Serpente, a minha espada, certificando-me de que a tinha comigo, e chamei Roric.

— Senhor? — chamou de volta.

— Prepara-me o escudo! — A embarcação da cruz raspada a cal aproximava-se mais e mais e o vento impelia-nos para ela. Vinha vagarosa porque puxada a remos e contra o vento, era pesada e os remadores muito poucos, pelo que se afigurava pouco provável que viesse afundar-nos como fizéramos à embarcação da serpente, contudo, a altura da sua proa permitiria que os seus guerreiros saltassem para o interior do nosso barco.

Foi então que, de repente, o *Banamaðr* se atravessou diante dos nossos arcos de proa. Navegava a favor do vento e eu pude ver Egil a empurrar o seu remo condutor, a fim de virar na direção do barco da cruz na proa. O timoneiro viu o homem do Norte a enfrentar-lhe a embarcação e, embora o *Banamaðr* tivesse apenas metade da envergadura do barco, deve ter temido ser abalroado, pois gritou aos seus remadores esforçados que redobrassem os seus esforços, e guinou para enfrentar Egil e a ameaça aos arcos da sua proa. E, naquele instante, estava mesmo próximo de nós, tão próximo! Eu empurrava o leme condutor, mas este continuava sem encontrar firmeza

nas águas, o que significava que o *Spearhafoc* flutuava como coisa morta e estava a ser ainda impelido pelo vento na direção do inimigo. Larguei das mãos o cabo do remo e tomei o meu escudo das mãos de Roric.

— Aprontem-se! — berrei. Desembainhei a Ferrão de Vespa, a minha espada de lâmina curta, que sibilou ao deslizar pelo forro de lã. As ondas quebravam entre os nossos dois barcos. A embarcação inimiga voltara-se para Egil e estava prestes a embater de lado contra nós, a sua tripulação, armada e envergando cotas de malha, pronta para saltar para o interior do *Spearhafoc*. Vi meia dúzia de arqueiros a erguerem os arcos com as flechas, depois deparei com algum tumulto no interior da embarcação que exibia a cruz na proa, quando o *Banamaðr* raspou nela a bombordo e lhe estilhaçou os remos. Os cabos bateram com força nos remadores ao reentrarem pelos toletes de forma tão violenta, a embarcação pareceu estremecer, os arqueiros cambalearam e as setas voaram perdidas e sem alvo. Egil mandou desatar a vela que adejava livremente ao vento, e ele virou o barco mais uma vez a fim de fazer colidir os seus arcos da proa com a popa do inimigo. Tinha com ele homens com machados de gancho, prontos para atacar os oponentes, e os arcos da proa do *Banamaðr* brilharam junto ao quarto de popa, os dois barcos engalfinharam-se, os machados engancharam e uniram os rebordos de ambos os cascos e eu pude observar o primeiro homem do Norte a atirar-se com um grito para a parte traseira da embarcação com a cruz na proa.

E foi então que colidimos. Embatemos primeiro nos remos a estibordo do inimigo, que, com o som de um forte estalido, ficou com parte do casco estilhaçada, o que afastou por alguns momentos a embarcação da nossa. Um homem enorme, com a boca muito aberta no grito dado, saltou para o *Spearhafoc*, porém o próprio barco deslizou com o impulso do salto e ele acabou por cair na água, entre as embarcações. Tentou agilmente segurar-se ao nosso rebordo, porém um dos meus homens pontapeou-lhe as mãos e ele acabou por desaparecer, arrastado para o fundo pelo peso da sua armadura. O vento impeliu a nossa popa contra o barco inimigo e eu saltei para a plataforma do seu remo condutor, seguido por Folcbald e Beornoth. Os homens do Norte de Egil, selváticos, já tinham matado o timoneiro e lutavam agora no interior do barco, enquanto eu berrava aos meus guerreiros que me seguissem. Saltei da plataforma do remo condutor e um rapaz, um menino ainda, gritou aterrorizado. Empurrei-o para debaixo de um dos bancos dos remadores e rosnei-lhe que não saísse dali.

— Vem aí outro canalha! — gritou Oswi, que em tempos fora meu

criado e se tornara um lutador fervoroso, do *Spearhafoc*, e eu vi a terceira das embarcações maiores do inimigo a vir na nossa direção para dar apoio ao barco que acabáramos de dominar. Thorolf, um dos irmãos de Egil, ficara a bordo do *Banamadr* com apenas três companheiros que agora soltavam o barco e o deixavam ao sabor do vento, ao encontro da embarcação que se aproximava. Enquanto isso, mais dos meus homens iam saltando para bordo do barco, onde me encontrava, porém não havia nele muito espaço para a batalha. O amplo convés abarrotava de tantos guerreiros, e os homens do Norte abriam caminho de banco para banco, a barreira de escudos que formavam alcançava toda a largura da embarcação, de lés a lés. A tripulação inimiga encontrava-se encurralada pelos guerreiros ferozes de Egil e os homens de Finan, que tinham conseguido chegar até à plataforma junto do topo da proa, de onde arremessavam agora lanças para o convés. O nosso desafio seria, portanto, vencer a terceira embarcação, que se aproximava movida a remos. Voltei a trepar para cima da plataforma do remo condutor.

O barco que vinha na nossa direção, tal como aquele em que lutávamos, exibia uma cruz no alto da proa. Era uma cruz escura, a madeira untada com uma mistura de alcatrão, e, atrás dela, encontrava-se o aglomerado de guerreiros armados e com elmos. A embarcação era pesada e lenta. Junto à proa, um homem gritava as instruções ao timoneiro enquanto apontava para norte e, devagar, o barco grande virou nessa direção e eu vi os homens na proa a erguerem os seus escudos. Planeavam abalroar-nos na popa e atacar Egil por trás. Os remadores a bombordo recolheram os longos remos pelos toletes e a embarcação navegava vagarosamente para perto de nós. Os remadores pegavam nos escudos e brandiam as espadas. Notei que os escudos não estavam pintados, não exibindo nem uma cruz, nem outro símbolo qualquer. Se aqueles homens tinham sido enviados por Æthelhelm, o que era cada vez mais a minha convicção, tinham sido claramente avisados para esconderem essa verdade.

— Barreira de escudos! — gritei. — E encaixem-nos uns nos outros!

Na plataforma do remo condutor deviam estar uns doze homens. Não havia espaço para mais, embora o inimigo, cuja proa era mais alta do que a nossa popa, planeasse juntar-se a nós. Olhei através da abertura do tamanho de um dedo entre o meu escudo e o de Folcbald e vi que a grande proa se encontrava apenas a uns pés de distância. Uma onda levantou-a, depois ela desceu e veio embater contra nós, estilhaçando o tabuado superior; então os arcos escuros da embarcação rasgou-nos a popa de cima a baixo



e o impacto fez-me perder o equilíbrio. Dei-me brevemente conta de um homem a saltar na minha direção de machado erguido, e eu ergui o escudo e senti-o estremecer com a violência do golpe que enterrou a lâmina nas tábuas de salgueiro.

Quase todas as lutas sobre o tabuado de barcos se transformam numa grande confusão de homens demasiado juntos. Nas batalhas, uma barreira de escudos, mesmo a mais bem ordenada e disciplinada, tende a alargar-se, porque os homens tentam arranjar espaço para moverem as suas armas, contudo, tal não é possível quando se está a travar um combate num barco. Aí, apenas existe o bafo fétido de um inimigo que tenta matar-nos, a pressão dos corpos e do aço, o grito das vítimas perfuradas pelas lâminas, o cheiro cru a sangue a esvaír-se pelos bornais e o baque do tombo dos mortos sobre as tábuas do convés oscilante.

Como tal, tinha desembainhado a minha Ferrão de Vespa. Trata-se de uma lâmina curta, pouco mais longa do que o meu antebraço, porém num barco não há lugar para lâminas compridas dentro do abraço mortífero do inimigo. Só que ali, esse abraço não se deu. A embarcação inimiga havia embatido contra nós e partido a prancha superior, mas mesmo com os adversários a chegarem-se e a aumentarem, já prontos para o ataque, uma onda elevou-os e de novo os afastou. Não para muito longe. A cerca de um passo da costa, talvez. Porém, os homens que então tentavam o salto caíram no espaço que se abrira entre as duas embarcações. O guerreiro com o machado preso no meu escudo cambaleou e caiu sobre o convés e Folcbald, que se encontrava à minha direita, golpeou-o com a sua espada de lâmina curta, e o homem gritou como uma criança, quando o aço lhe perfurou a cota de malha, lhe partiu costelas e se enterrou nos seus pulmões. Pontapeei o rosto do guerreiro aquando do grito e espetei a Ferrão de Vespa entre as barbas dele e vi o sangue a escorrer para o tabuado claro, esfregado a cal, do convés do barco.

— Vêm aí mais! — berrou Beornoth atrás de mim. Arrastei a Ferrão de Vespa para o lado, alargando a ferida na garganta do guerreiro do machado, depois ergui o escudo e acocorei-me debaixo dele. Vi de novo a proa escura a erguer-se, vi-a de novo a descer sobre o nosso casco e, então, algo pesado embateu contra o meu escudo, e eu não conseguia ver do que se tratava, apenas notei o sangue a pingar sobre o rebordo de aço. — Este já era! — fez-se ouvir Beornoth. Estava muito perto, atrás de mim, e, como a maioria dos homens da segunda fila da barreira de escudos, segurava nas mãos uma lança com cabo de freixo apontada na direção da proa alta da embarcação

inimiga. Qualquer homem que ousasse atirar-se sobre nós arriscava-se a ficar espetado numa dessas lâminas longas. Mais uma ondulação alta tornou a separar os barcos, e o moribundo escorregou de cima do meu escudo, quando Beornoth libertou a espada que enfiara nele. O homem ainda dava sinais de vida e eu desferi-lhe um último golpe com a Ferrão de Vespa. Naquela altura, o convés estava coberto de sangue, vermelho e escorregadio. Um outro guerreiro adversário, o rosto contorcido pela raiva, deu um salto gigante, impelindo o seu escudo com força para a frente, a fim de pressionar a nossa fila dianteira, porém Beornoth, apoiando-se atrás de mim nos meus ombros, elevou-se e atingiu o homem, e o escudo dele embateu contra o meu, o que o fez cambalear e colidir com a balaustrada. Ainda desferiu a espada de lâmina curta entre a fenda existente por entre os escudos, aberta a sua boca desdentada num grito de ira silente, e a ponta do aço rasgou-me a cota de malha, e eu empurrei o meu escudo violentamente para diante, o homem praguejou ao ver-se de novo impelido para trás e um outro empurrão fê-lo cair, lançando um berro, no espaço que mais uma vez se abria entre os dois barcos.

E o vento tornou a levar-nos para junto da embarcação do inimigo. A proa dela era no mínimo três pés mais alta do que a popa onde nos encontrávamos. Cinco dos seus homens haviam conseguido saltar para o nosso barco e todos eles estavam mortos. Os demais guerreiros junto àquela proa alta tentavam matar-nos agora, arremessando lanças contra nós. Eram fúteis os seus arremessos, que apenas batiam nos nossos escudos. Conseguia ouvir a voz de um homem, que os encorajava.

— Eles são pagãos! Façam o trabalho de Deus! Saltem para o barco e matem-nos!

Contudo, aqueles guerreiros estavam sem hipóteses para saltarem para a nossa popa. Para tal, teriam de arriscar saltar para o aço das lanças que os aguardavam. E, em vez disso, vi alguns dirigirem-se para o meio da sua embarcação, de onde lhes seria mais fácil atravessarem para o nosso lado, porém Egil e os homens dele já tinham terminado a sua matança e aguardavam-nos agora para a próxima luta.

— Beornoth! — Consegui dar um passo atrás, não sei como, e forcei caminho por entre a segunda fileira. — Fique aqui — disse-lhe — e mantenha aqueles canalhas ocupados. — Deixei-lhe seis guerreiros de apoio, depois liderei os restantes para o meio do convés ensanguentado. — Oswi! Folcbald! Vamos atravessar para o barco deles! Todos vós! Venham!

O vento e o mar viravam o *Spearhafoc* de tal maneira que em breve as

duas embarcações se encontrariam lado a lado. O inimigo esperava-nos no seu convés. Os guerreiros haviam formado uma barreira de escudos, o que significava que não tencionavam vir a bordo do nosso barco, desafiando-nos ao invés a saltarmos para o convés deles, onde nos esmagariam com os seus escudos. Não lançavam improperios, tinham um ar amedrontado, o que me dizia que o inimigo já se encontrava meio derrotado.

— Bebbanburg! — berrei, subi a um dos bancos dos remadores, tomei balanço e saltei. O homem que nos chamara de pagãos continuava a gritar e a incitar os seus guerreiros.

— Matem os pagãos! Matem os pagãos! — Encontrava-se na plataforma superior da proa, de onde uma dúzia de homens continuavam a arremessar lanças fúteis contra Beornoth e os companheiros dele. A restante tripulação, e eu duvidava serem mais de quarenta, encarava-nos no interior ensombrado da sua embarcação. O homem à minha frente, um adolescente com olhos que mostravam estar aterrorizado, na cabeça um elmo em couro, nas mãos um escudo desbotado, deu um passo atrás quando aterrei junto dele.

— Queres morrer? — rosnei-lhe. — Atira o teu escudo para o chão, menino, e viverás!

Mas o rapaz ergueu o escudo e empurrou-o contra mim. Gritava enquanto impelia o escudo na minha direção, apesar de não ter sido ferido. Fui com o meu escudo ao encontro do dele, virei-o, pelo que o seu também se virou, e, entre a brecha que se abriu, enfiei a Ferrão de Vespa e desferi-a letalmente ao atingir o rapaz no baixo-ventre. Fiz deslizar a lâmina para cima, abrindo-o como a um salmão. Folcbald encontrava-se à minha direita, Oswi à minha esquerda, e nós os três perfurámos as fileiras da barreira de escudos, pisando por cima de moribundos e escorregando no sangue derramado. Então ouvi Finan chamar.

— Tenho o comando do barco!

Um homem veio pela minha direita, Folcbald passou-lhe uma rasteira, a Ferrão de Vespa deslizou-lhe junto dos olhos, e ele gritava ainda quando Folcbald o içou e lançou ao mar. Voltei-me e verifiquei que Finan se encontrava sobre a plataforma do remo condutor e que os homens ferozes de Egil se juntavam ali a ele e aos seus guerreiros. O próprio Egil e a sua lâmina, a Víbora, encarnada até ao punho, abria caminho por entre os bancos dos remadores, os homens a recuarem perante a sua fúria nórdica.

— Atirem os vossos escudos para o chão! — gritei ao inimigo. — Atirem as vossas lâminas ao chão!